

A criatividade social do self emergente

The social creativity of the emergent self

George Herbert Mead

Tradução de *Raoni Borges Barbosa*

Recebido: 23.04.2017

Aceito: 16.06.2017

Resumo: Neste breve ensaio Mead aborda a questão de como o Self individual, por mais integrado que esteja em processos sociais estruturantes de integração e de formação social, deve ser considerado como elemento criativo e definidor do social. Na medida em que o indivíduo seleciona suas ações e definições de situação, ele não somente é determinado, mas também determinante e criador do seu ambiente social. Para Mead, assim, o grau de individualidade e de criatividade social desenvolvido em uma sociedade dada compreendem os traços diferenciadores entre uma sociedade humana primitiva e uma sociedade humana moderna. **Palavras-chave:** George Mead, self, criatividade social

Abstract: In this brief essay, Mead discusses the question of how the individual, however integrated it relies on structuring social processes of integration and social formation, must be considered as a creative and defining element of the social. Insofar as the individual selects his actions and definitions of situation, neither is he determined, also determinant and creator of his social environment. For Mead, therefore, the degree of individuality and social creativity developed in a given society understands the differentiating features between a human society and a modern society. **Keywords:** George Mead, self, social creativity

O valor que se reúne em torno do conceito de *Self*, especialmente o que está envolvido na noção de "Eu" como contraposição ao valor envolvido na noção de "Mim", tem sido discutido por nós*. O "Mim" é essencialmente um membro de um grupo social, e representa, portanto, o repertório axiológico do grupo, aquele tipo de experiência que o grupo torna possível. Seus valores são os valores que pertencem à sociedade. Em certo sentido, esses valores são supremos. São valores que sob certas condições morais e religiosas extremas exigem o sacrifício do *Self* em função do todo. Sem essa estrutura de coisas, a vida do *Self* tornar-se-ia impossível. Estas são as condições sob as quais surge esse paradoxo aparente, em que o indivíduo se sacrifica justamente pelo todo que torna possível sua própria vida como um *Self*. Da mesma

* Tradução feita a partir de George Herbert Mead. "The Social Creativity of the Emergent Self", Section 28 (p. 214-222) in *Mind Self and Society from the Standpoint of a Social Behaviorist* (Edited by Charles W. Morris). Chicago: University of Chicago, 1934.

forma que não poderia haver consciência individual, exceto em um grupo social, da mesma forma o indivíduo, em certo sentido, não está disposto a viver sob certas condições que exigiriam uma espécie de suicídio do *Self* no processo mesmo de sua realização. Em relação a essa situação nos referimos aos valores atribuídos mais particularmente ao "Eu" do que ao "Mim", àqueles valores que imediatamente se encontram na na atitude do artista, do inventor, do cientista em processo de suas descobertas, ou seja, se encontra em geral na ação do "Eu" que não pode ser calculada e que envolve uma reconstrução da sociedade, e, assim, do "Mim" que pertence a essa sociedade. É essa fase da experiência que se encontra no "Eu" e os valores que se lhe conectam são os valores pertencentes a este tipo de experiência como tal. Esses valores não são peculiares ao artista, ao inventor e ao pesquisador científico, mas pertencem à experiência de todos os *Selves* onde há um "Eu" que responde ao "Mim".

A resposta do "Eu" envolve adaptação, mas uma adaptação que afeta não só o *Self*, mas também o ambiente social que ajuda a constituir o *Self*. Isto é, tal resposta implica uma visão da evolução em que o indivíduo afeta seu próprio ambiente, bem como vai sendo afetado pelo mesmo. Uma declaração sobre o processo de evolução que era comum em um período anterior assumiu simplesmente o efeito de um ambiente no protoplasma vivo organizado, moldando-o, em algum sentido, ao mundo em que este teve que viver. Nesta visão, o indivíduo é realmente passivo como em relação às influências que o estão afetando o tempo todo. Mas o que agora precisa ser reconhecido é que o caráter do organismo é um determinante do seu ambiente. Falamos de uma sensibilidade crua como existente por si mesma, esquecendo que esta sensibilidade é sempre uma sensibilidade a certos tipos de estímulos. Em termos de sua sensibilidade, a forma seleciona um ambiente, não selecionando exatamente no sentido em que uma pessoa seleciona uma cidade, um país ou um clima particular no qual viver, mas seleciona no sentido de encontrar as características a que pode responder, e usa as experiências resultantes para obter certos resultados orgânicos que são essenciais para seu processo vital. Em certo sentido, portanto, o organismo organiza seu ambiente em termos de meios e fins da ação que ali desenvolve. Esse tipo de determinação do ambiente é, naturalmente, tão realquanto o efeito do ambiente sobre a forma. Quando uma forma desenvolve uma capacidade, no entanto, isso ocorre para que possa lidar com partes do ambiente que seus progenitores não puderam lidar, de modo que a formatem, nesse grau de experiência, criado um novo ambiente para si. O boi, que tem um órgão digestivo capaz de selcionar a grama como um alimento, acrescenta um novo alimento à sua dieta, e ao acrescentá-lo, acrescenta um novo objeto à sua capacidade de determinação do ambiente. A substância, que anteriormente não era alimento, se torna, agora, alimento. O ambiente da forma, com isso, expandiu. O organismo, em um sentido real, é determinante do seu ambiente. A situação é aquela em que há ação e reação, e o processo de adaptação que muda a forma também deve mudar o ambiente.

Na medida em que um homem se se ajusta a um determinado ambiente, ele se torna um indivíduo diferenciado. Nesse processo de diferenciar-se, contudo, ele afetou a comunidade em que vive. Pode tratar-se de um ligeiro efeito, mas, ao passo em que ele se adapta, os ajustes passam também a transformar o tipo de ambiente a que ele pode responder e o mundo, então, transformou-se, portanto, em um mundo diferente. Há sempre uma relação de reciprocidade entre o indivíduo e a comunidade em que o indivíduo vive. O nosso reconhecimento desta assertiva, em condições normais, está confinado a grupos sociais relativamente pequenos, pois aqui um indivíduo não pode entrar no grupo sem, em algum grau, alterar o caráter da organização. As pessoas tem de ajustar-se ao grupo tanto quanto o grupo se ajusta a eles. Pode parecer um molde do indivíduo pelas forças que atua sobre ele, mas a sociedade igualmente se transforma

neste processo, e transforma-se em algum grau em uma sociedade diferente. A alteração pode ser desejável ou pode ser indesejável, mas inevitavelmente ocorre.

Esta relação do indivíduo com a comunidade torna-se impressionante quando consideramos que mediante seu advento a sociedade mais ampla torna-se uma sociedade visivelmente diferente. Pessoas de grandes capacidades cognitivas e morais transformaram as comunidades às quais responderam como indivíduos. Reconhecidos como líderes, eles estão, contudo, simplesmente conduzindo o poder de transformação da comunidade pelo indivíduo que se faz parte dela, que pertence à ela¹. Os grandes personagens foram aqueles que, sendo o que eram na comunidade, transformaram essa comunidade em um sentido inovador. Eles ampliaram e enriqueceram a comunidade.

Tais figuras públicas, como os grandes personagens religiosos na história, através de sua associação à comunidade, aumentaram indefinidamente o tamanho possível da própria comunidade. Jesus generalizou a concepção da comunidade em termos de uma ampla família, tal como na afirmação sobre o próximo nas parábolas. Mesmo o homem fora da comunidade tomará, a partir de então, essa atitude generalizadora sobre a família em relação à sua própria experiência familiar, de modo que faz com que aqueles que estão assim situados em relação a ele se tornem membros da comunidade a que pertence, à comunidade de uma religião universal. A mudança da comunidade através da atitude do indivíduo torna-se, naturalmente, peculiarmente impressionante e eficaz na história. Isso faz com que indivíduos temporal e espacialmente distantes se destaquem como ícones e como símbolos. Eles representam, em suas relações pessoais, uma nova ordem e, então, tornam-se representativos de uma idealização da comunidade tal como esta poderia existir se estivesse totalmente desenvolvida ao longo das linhas de ação que estes líderes desenvolveram. Novas concepções trouxeram consigo, através da ação de grandes indivíduos, atitudes que ampliaram enormemente o ambiente no qual esses indivíduos viviam. Um homem que é um vizinho de qualquer outra pessoa do grupo é membro de uma sociedade maior e, na medida em que vive e atua nessa comunidade, faz parte da criação dessa sociedade.

É nessas reações do indivíduo, do "Eu", em relação à situação em que o "Eu" se encontra, que transformações sociais importantes. Considera-se freqüentemente tais transformações como expressões do gênio individual de certas pessoas. Não se sabe quando virá o grande artista, cientista, estadista, líder religioso - pessoas que terão um efeito formativo sobre a sociedade a que pertencem. A própria definição de gênio retornaria a algo do tipo a que já se referiu, a essa qualidade incalculável, a essa transformação do ambiente por parte de um indivíduo, tornando-se ele próprio membro da comunidade.

Um indivíduo do tipo considerado surge sempre com referência a uma forma de sociedade ou de ordem social que está implícita, mas não adequadamente expressa. Tome-se, por exemplo, o gênio religioso, como Jesus ou Buda, ou o tipo reflexivo, como Sócrates. O que lhes concedeu a sua importância única foi o fato de que eles

¹O comportamento de um gênio é socialmente condicionado, assim como o é o comportamento de um indivíduo comum. E suas realizações são resultados ou são respostas a estímulos sociais, assim como os de um indivíduo comum. O gênio, como o indivíduo ordinário, volta a si mesmo do ponto de vista do grupo social organizado ao qual pertence, e as atitudes desse grupo em relação a qualquer projeto em que ele se envolve. E ele responde a essa atitude generalizada do grupo com uma atitude definida própria para com o projeto dado, assim como o faz o indivíduo ordinário. Mas esta atitude definitiva, com a qual ele responde à atitude generalizada do grupo, é única e original no caso do gênio, ao passo que não é assim no caso do indivíduo ordinário. Esta singularidade e originalidade de sua resposta a uma determinada situação social ou problema ou projeto - que, no entanto, condiciona o seu comportamento não menos do que o do indivíduo ordinário - é que distingue o gênio do indivíduo comum.

tomaram a atitude de viver com referência a uma sociedade maior. Esse contexto maior já era mais ou menos implícito nas instituições da comunidade em que viviam. Tal indivíduo é divergente de uma perspectiva dos preconceitos da comunidade. Em outro sentido, contudo, este indivíduo expressa os princípios da comunidade mais completamente do que qualquer outro. Assim surge a situação de um ateniense ou de um hebreu encarnando o gênio que expressa os princípios de sua própria sociedade: um princípio de racionalidade, no primeiro caso e, no outro, o princípio do completo amor ao próximo. O tipo individual aqui considerado como o gênio é desse tipo. Há uma situação análoga no campo da criação artística: os artistas também revelam conteúdos que representam uma expressão emocional mais ampla, respondendo, por conseguinte, a uma sociedade mais ampla. Na medida em que o indivíduo transforma a comunidade em que vive, todo indivíduo tem o que é essencial para destacar-se como gênio, e que se torna genial quando os efeitos são profundos.

A resposta do "Eu" pode ser um processo que envolve uma degradação do estado social, bem como um processo que envolve uma maior integração. Tome-se, por exemplo, o caso da multidão em suas várias expressões. Uma multidão é uma organização que eliminou certos valores construídos no processo de interrelação recíproca dos indivíduos, e que se simplificou e, ao fazê-lo, permitiu que o indivíduo, especialmente o indivíduo reprimido, obtivesse uma expressão que de outra forma não seria permitido. A resposta do indivíduo é possível pela própria degradação da própria estrutura social, mas que, contudo, não retira o valor imediato para o indivíduo que emerge sob essas condições. Ele recebe sua resposta emocional em um contexto fora dessa situação porque em sua expressão de violência ele repete o que todo mundo está fazendo. Toda a comunidade está fazendo a mesma coisa. A repressão social que existia desapareceu sob a condição da multidão e ele está de acordo com a comunidade e a comunidade está unida a ele. Uma ilustração de um caráter mais trivial é encontrada nas relações pessoais com aqueles que conhecem o indivíduo. As maneiras próprias de um indivíduo são métodos não apenas de intercurso mediado entre pessoas, mas também formas de proteger-lo nos processos de interrelação. Uma pessoa pode, pelas maneiras, isolar-se de modo que não possa ser tocada por qualquer outro relacional. As maneiras fornecem uma maneira mediante as quais o indivíduo se mantém à distância das pessoas; pessoas estas que o indivíduo não conhece e não quer conhecer. Estes processos são usados de forma geral por todos os indivíduos de uma sociedade. Mas há ocasiões em que se pode evitar o uso do tipo de maneiras que mantém as pessoas à distância. O indivíduo, por exemplo, encontra-se com alguém conhecido em algum país distante, uma pessoa com quem talvez procurasse evitar encontrar-se em casa, e, então, quase arranca os braços abraçando-o. Há muita alegria em situações envolvidas na hostilidade de outras nações. Todos parecem unidos contra um inimigo comum. As barreiras caem, e o indivíduo tem um senso social de camaradagem com aqueles que estão consigo em uma empresa comum. A mesma coisa acontece em uma campanha política. Por enquanto estende-se a mão alegre - e um charuto - para qualquer pessoa que seja membro do grupo particular ao qual se pertence. O indivíduo vê-se livre de certas restrições nessas circunstâncias; restrições estas que realmente o impedem de experiências sociais intensas. Uma pessoa pode ser vítima de suas boas maneiras. As boas maneiras podem encaixá-lo socialmente, bem como protegê-lo. Mas, sob as condições supracitadas, uma pessoa se afasta de si mesma e, ao fazê-lo, torna-se um membro definitivo de uma comunidade maior do que aquela a que pertencia anteriormente.

Esta expansão da experiência tem uma profunda influência. É o tipo de experiência que o neófito vivencia no processo de conversão. É o sentimento de

pertencer à comunidade, de ter uma relação íntima com um número indefinido de indivíduos que pertencem ao mesmo grupo. Essa é a experiência que reside nos extremos às vezes histéricos que pertencem às conversões. A pessoa entrou na comunidade universal da igreja, e a experiência resultante é a expressão desse sentido de identificação do próprio *Self* com todos os demais *Selves* na comunidade. O sentido do amor é demonstrado por procedimentos como lavar os pés dos leprosos; em geral, o indivíduo converso encontrando uma pessoa que está mais distante da comunidade e fazendo uma oferta aparentemente servil, identificando-se completamente com esse indivíduo estranho. Este é um processo de rupturas de normas, convenções e hierarquias sociais para que o indivíduo torne-se um irmão de todos. O santo medieval elaborou esse método de identificação com todos os seres vivos, assim como também o logrou a técnica religiosa da Índia. Essa ruptura de barreiras sociais é algo que desperta uma avalanche de emoções, pois libera um número indefinido de contatos possíveis com outras pessoas que foram até então mantidas reprimidas. O indivíduo, ao entrar nessa nova comunidade, tem, no processo percorrido de fazer-se membro, e por sua experiência de identificação, assumido o valor que pertence a todos os membros dessa comunidade.

Tais experiências são, naturalmente, de imensa importância. O uso delas é feito continuamente na comunidade. Desacredita-se, nesse sentido, da atitude de hostilidade como um meio de levar a cabo as interrelações entre as nações. Considera-se que se deve ir além dos métodos da guerra e da diplomacia e chegar a algum tipo de relação política entre as nações, de modo que os indivíduos possam ser considerados como membros de uma comunidade comum e, portanto, capazes de se expressar, não na atitude de hostilidade, mas em termos de seus valores comuns. Isso é o que estabelece como o ideal da Liga das Nações. No entanto, deve-se lembrar de que os indivíduos não são capazes de elaborar suas próprias instituições políticas sem introduzir as hostilidades dos partidos. Sem partidos, não se consegue que uma fração dos eleitores compareçam às urnas para expressar-se em questões de grande importância pública, mas pode-se, contudo, inscrever uma parte considerável da comunidade em um partido político que está lutando contra algum outro partido. É o elemento da luta que mantém o interesse. Pode-se alistar o interesse de um número de pessoas que querem derrotar o partido oposto, e levá-los às urnas para fazer isso. A plataforma do partido é uma abstração, é claro, e não significa muito para o indivíduo em geral, uma vez que todo estão realmente dependendo psicologicamente da operação desses impulsos mais bárbaros, a fim de manter as instituições ordinárias funcionando. Quando há movimentos de posição à organização de máquinas políticas corruptas, deve-se lembrar de sentir uma certa gratidão às pessoas que são capazes de atrair o interesse das pessoas aos assuntos públicos.

Normalmente depende-se das situações em que o *Self* é capaz de expressar-se de maneira direta, e não há nenhuma situação em que o *Self* possa se expressar tão facilmente quanto possa contra o inimigo comum dos grupos aos quais aciona um sentimento de pertença e no qual está integrado. O hino que vem mente mais freqüentemente à como expressão da cristandade é "Onward Christian Soldiers" (Avante Soldados Cristãos). Paulo, nesse sentido, organizou a igreja do seu tempo contra o mundo dos pagãos. E a "Revelação" representa a comunidade contra o mundo das trevas. A idéia de Satanás tem sido tão essencial para a organização da igreja como os processos políticos tem sido para a organização da democracia. Tem que haver algo para lutar, porque o *Self* é mais facilmente capaz de se expressar ao unir-se a um grupo definido.

O valor de uma sociedade ordenada é essencial para a existência do indivíduo, mas também deve haver espaço para uma expressão do próprio indivíduo para que haja uma sociedade bem desenvolvida. Deve ser proporcionado um meio para tal expressão. Até que se tenha uma estrutura social na qual o indivíduo possa se expressar como o artista e o cientista fazem, tem-se o tipo de estrutura encontrada na turba, na qual todo mundo é livre para se expressar contra algum objeto odiado da grupo.

Uma diferença entre a sociedade humana primitiva e a sociedade humana civilizada é que, na sociedade humana primitiva, o indivíduo está muito mais determinado, em relação ao seu modo de pensar e ao seu comportamento, pelo padrão geral da atividade social organizada exercida pelo grupo social particular ao que ele pertence do que ele o está na sociedade humana civilizada. A sociedade humana primitiva oferece muito menos espaço para a individualidade - para o pensamento e o comportamento originais, únicos ou criativos por parte do *Self* individual dentro ou pertencendo a ele - do que a sociedade humana civilizada. E, de fato, a evolução da sociedade humana civilizada da sociedade humana primitiva dependeu em grande parte ou resultou de uma progressiva liberação social do *Self* individual e de sua conduta, com as modificações e elaborações do processo social humano que se seguiram e foram possibilitados por esse mesmo processo de libertação. Na sociedade primitiva, em muito maior medida do que na sociedade civilizada, a individualidade é constituída pela realização mais ou menos perfeita de um dado tipo social, um tipo já dado, indicado ou exemplificado no padrão organizado de conduta social, na estrutura relacional integrada do processo social de experiência e comportamento que o grupo social dado exibe e está realizando. Na sociedade civilizada, a individualidade é constituída mais pela saída ou pela realização modificada de qualquer tipo social do que pela sua conformidade, e tende a ser algo muito mais distintivo e singular e peculiar do que na sociedade humana primitiva. Contudo, mesmo nas formas mais modernas e altamente evoluídas da civilização humana, o indivíduo, por mais original e criativo que possa ser em seu pensamento ou comportamento, sempre e necessariamente assume uma relação definida, e a reflete, na estrutura de seu *Self* ou na sua personalidade, o padrão geral organizado de experiência e atividade exibido e que caracterizam o processo de vida social em que o indivíduo está envolvido e do qual seu *Self* ou sua personalidade é essencialmente uma expressão ou encarnação criativa. Nenhum indivíduo tem uma mente que opera simplesmente em si mesma, isoladamente do processo de vida social em que o indivíduo surgiu ou do qual emergiu, e em que o padrão do comportamento social organizado, conseqüentemente, foi basicamente impresso sobre ele.